

Ler Camões, um poeta de hoje

Datas redondas são um privilégio do tempo. Nestes anos que vão, 2024 ou 2025 (segundo as imprecisões de registro histórico), festejamos os 500 anos do poeta Luís de Camões. Poeta maior que, por sorte ou azar – decerto mais por sorte que azar –, quis o destino que nascesse português para que, assim o sendo, de seu engenho e ventura fizesse nascer a língua que nos une, sujeitos falantes no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e onde mais mundo houver, em extraordinária diferença.

É preciso dizer: somos privilegiados. Não só por dividir esse modo de estar na cultura em português, o que nos faculta ler, por exemplo, *Os Lusíadas* no original, o que não é pouca coisa, mas por podermos lê-lo hoje, há tantos séculos de sua gestação, num tempo que assombrosamente o interpela e que por ele pode ser interpelado. Porque podemos afirmar, com alguma convicção, que ler Camões hoje (seja *Os Lusíadas*, ou as suas *Rimas*, ou seus *Autos*) é ler um poeta de hoje. A força que essa poesia apresenta como catalisadora do contraditório e do heterogêneo, oferecendo o seu rosto a tantos quantos com ela buscam companhia para a espantosa aventura de existir, mantém-na em franca atualidade. A sua obra, engendrada da mesma matéria que a vida é feita, essa vida que é júbilo e fracasso, medo, surpresa, dúvida e esperança, constitui-se como um vigoroso encontro com o múltiplo.

O poeta que naquele longínquo final de século XVI, de um Renascimento tardio, já maneirista, assistiu a um mundo em desconcerto, por Índias e Áfricas degredado, soube como ninguém reconhecer no outro a humanidade, que era também a sua, por lhe parecer tão estranha e fascinante. Também como ninguém foi, no seu tempo, o poeta de um amor pleno de carne e espírito, amor tão vasto quanto a medida de seu desejo de descoberta, ditado pelo sensualismo erótico das diversas vontades a que esteve sujeito. Poeta que meditou sobre o tempo e suas transformações e que fez de seu corpo mesmo o lugar tenso de muitas experiências. Poeta do erro e do contentamento descontente, que cantou até os estertores da morte, quando afinal tudo lhe parecia desencanto e melancolia, ao ver que



a cobiça e a rudeza dos poderosos prevaleceram, foi ele, Camões, quem corajosamente fez frente a um mundo em declínio para defender a justiça e a dignidade humana.

Nesta edição da Revista Investigações, em homenagem à poesia de Luís de Camões, temos a felicidade de contar com uma rica diversidade de abordagens críticas sobre essa obra, o que, por fim, atesta a veemente contemporaneidade do poeta festejado. O nosso número especial abre caminhos na instigante encruzilhada entre o épico camoniano e o diabólico, com “Camões na rota 666”, de Luis Maffei. A investigação em torno da estância da Besta Triunfante dá acesso para o leitor a desdobramentos críticos da reflexão aritmosófica desenvolvida, pioneiramente, por figuras como Jorge de Sena.

De outro lado, Alexandre Honrado, no texto “De Camões a Eliade: como os latinos inventaram o mundo global”, apresenta uma perspectiva de Camões como um poeta global, conhecido em todo o mundo como um dos maiores símbolos da latinidade. Por sua vez, Bárbara Kreischer, em “*Mulher-mar-amor e Homem-terra-guerra: uma possível leitura para os papéis de gêneros n’Os Lusíadas*”, analisa os papéis de gênero que perpassam o épico camoniano, através das categorias *mulher-mar-amor* e *homem-terra-guerra*. Nessa mesma linha, o texto de Rafaella Teotônio, “A erótica do colonialismo no episódio da Ilha dos Amores”, apoiado nas teorias decoloniais, interpreta o episódio da Ilha dos Amores, d’*Os Lusíadas* como uma erótica do colonialismo. Ainda no âmbito da epopeia camoniana, “Jogando espalharei por toda parte, se em cada lance houver engenho e arte: leitura lúdica d’*Os Lusíadas* como jogo de tabuleiro”, Saulo Gomes Thimoteo nos apresenta um projeto de adaptação do épico para o modelo de *board game* em que o texto camoniano, com seus personagens históricos e mitológicos, ganha nova dinâmica tendo em vista aguçar o interesse de um público jovem não iniciado na literatura. Também no campo das adaptações, “A epopeia de Camões: do cordel aos quadrinhos”, de Naelza Wanderley, promove uma leitura crítica que visa analisar a permanência do texto camoniano no cânone via cultura popular.

O artigo “Robert Southey, leitor d’*Os Lusíadas*”, de Alexandre Dias Pinto, é um delicioso convite para que conheçamos o trabalho da recepção crítica inglesa do poema de Camões no século XIX, assim como algumas curiosíssimas traduções que o épico recebeu. Nesse âmbito de visões um tanto quanto inusuais, Marcus De Martini, em “O

‘Homero Português’: *Os Lusíadas* na leitura de um jesuíta italiano do século XIX”, analisa uma obra pouco conhecida, atribuída ao jesuíta Antonio Onorati, que fez parte da polêmica envolvendo uma recepção “positiva” de Camões em fins do século XIX.

Em uma senda comparatista, Bárbara Nolasco, em “*Os Lusíadas e Mensagem: duas obras em perspectiva*”, coteja as principais temáticas na obra de Camões e de Fernando Pessoa, para sublinhar que o mesmo território geográfico pode apresentar-se de diferentes maneiras, a depender dos contextos históricos e das representações que lhe forem atribuídas. Já Suelio Geraldo Pereira nos mostra em “Navegando com o Velho do Restelo no mar d’*As Naus*” uma relação intertextual entre o texto camoniano e a obra *As Naus*, de António Lobo Antunes, mais especificamente centrada no episódio do Velho do Restelo, de *Os Lusíadas*. Nesse mesmo diapasão, Luís André Nepomuceno, no texto “Amigos e inimigos da lei: Camões e Tasso na defesa da cristandade”, compara *Os Lusíadas*, de Camões e *Jerusalém Libertada*, de Torquato Tasso, para evidenciar, em ambas as obras, quem são os amigos e os inimigos da lei.

Ademais, Pedro Alaim, em “A harmonia nas epistemes antiga e renascentista: ética, virtude e heroicidade em *Os Lusíadas*” nos mostra o papel desempenhado na constituição dessas duas epistemes, para evidenciar que a jornada dos heróis em *Os Lusíadas* é engrenada com as estratégias básicas de sistematização retórica de Aristóteles. De outro modo, Maria Lúcia Guimarães de Faria, em “Camões e Osman Lins: uma aproximação bem maquinada” demonstra que há em *Avalovara*, de Osman Lins uma semivelada convergência com Camões, especificamente na metáfora da Máquina do Mundo do poema épico camoniano, que migra para o romance contemporâneo do escritor pernambucano. Nesta esteira, Daniel Vecchio Alves, em “De Garrett a Jorge de Sena: A coleção camoniana de José Saramago” examina a coleção camoniana que constitui a biblioteca particular de José Saramago, para perceber como Saramago utiliza com maestria alguns dos mais famosos camonistas para sondar suas lacunas interpretativas, bem como para explorar os silêncios sobre a vida de Camões. Por seu turno, Isabel Silva, em “Imitação a Camões em *Cristaes da Alma* (1673), de Gerardo de Escobar” estuda a influência e, sobretudo, a imitação a Camões na obra seiscentista do pseudônimo de Fr. Antônio de Escobar, no qual o autor imita e diversifica a poesia de Camões.

Por fim, André de Sena nos contempla com o seu “Presença grotesca no maneirismo dos sonetos camonianos”, em que podemos observar uma análise da lírica camoniana a partir de uma bagagem teórica em torno do tema do grotesco, explorando, ainda, algumas faces do horror nessa poesia.

Para além do conjunto de textos que compõem este número especial, com múltiplas perspectivas a respeito da obra camoniana, a presente edição é encerrada com duas entrevistas acerca dos 500 anos de Camões. Desse modo, Annabela Rita (Portugal) e Maria Lúcia Dal Farra (Brasil) responderam a quatro perguntas, elaboradas por Jonas Leite e Paulo Braz, em torno da percepção que elas têm sobre a vida e a obra de Luís de Camões.

Dito tudo isso, convidamos o leitor a perceber a vastidão da obra do poeta português, apresentada aqui sob o mote “500 anos de Camões: tradição, diálogos e perspectivas”.

Recife/Rio de Janeiro, novembro de 2024

Jonas Leite

Paulo Braz